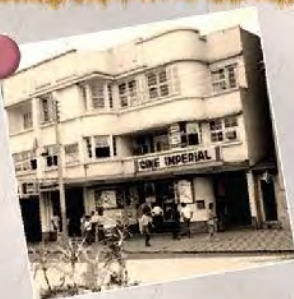


Pedro Du Bois



LARES

Pedro Du Bois

trabalha as influências advindas de suas leituras; seus textos demonstram a sua autenticidade como escritor, acima das convenções, com absoluta proficiência: *“anos passados / em lares resistentes”*. Marca as palavras de forma continuada, mesmo na descontinuidade com que atrai o leitor na precisão de quem respira nossa humana transitoriedade: *“Mercadejo / a vida como se apresenta / desconto / aumento / desagio / o corpo / no caminho”*. Do cotidiano traz a constatação do mundo que nos cerca: *“... porque tenho a verdade / cala minha boca / em representativas bancadas”*. Sou entusiasta da força e da beleza de sua escrita, que ele apresenta nua e desprovida de ornatos; clara e dolorida quando retrata a realidade. Pedro quebra símbolos, rasga as formas e (re)constrói para (re)criar; com lucidez pertinente combate os reveses no jogo metafórico entre posições e percepções, capturando os fluxos da nossa humanidade.

Tânia Du Bois

Cronista

LARES

e outros poemas

Pedro Du Bois

Edição do Autor

1ª edição
novembro / 2020

2020 © Pedro Du Bois

Reservados todos os direitos. É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, ou de partes do mesmo, sob quaisquer formas ou por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, gravação, fotocópia ou outros) sem permissão expressa do Autor.

Capa, diagramação, ilustrações e organização: Tânia Du Bois

Revisão: pelo autor

Artes das ilustrações:

Capa: fotos acervo Projeto Passo Fundo: Catedral / Cine Imperial / Museu Ruth Schneider / Academia de Letras / Cine Coral / Teatro Múcio de Castro

Lares: foto / Pedro Du Bois/ armas na noite/ 2017

Doces Caseiros: óleo sobre tela / Laranjas/ 2007 / Silvana Oliveira / Projeto Passo Fundo

Outros poemas: desenho / Pedro Du Bois / 2019

Extrato: desenho / Pedro Du Bois / 2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bois, Pedro Du
Lares : e outros poemas / Pedro Du Bois. --
1. ed. -- Balneário Camboriú, SC : Ed. do Autor,
2020.

ISBN 978-65-00-12281-7

1. Poesia brasileira I. Título.

20-49075

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

SUMÁRIO

Lares 07

Doces Caseiros 73

Outros Poemas 103

Extrato 157

*pensamos lares e doces caseiros
aproveitando em outros poemas o extrato
no carinho pela sempre companhia*

LARES



1

Cidade oferecida: contratempo
evocado em sirenes (autoridade
inconsentida).

Troféu escaldado
em ruas de pouco
tráfego.

Trôpego caminho
engole ritos
e a arritmia
espaçada
em degraus.

Figura sentada
no batente: latente
hora
do reencontro.

2

Observa a porta entreaberta
e sabe o horário perdido.

O corpo pende
sobre o nada
(efeito
pintado em adorno).

Fracassam os heróis
do amanhã. O sono
fecha a porta.

3

Em ruas

becos

aniversariam

o despropósito

do não retorno.

Questão: ter ido

embora não altera

a paisagem.

Sombras gostam das luzes

estáticas: em ângulos indistintos

refulgem ruas despreparadas

ao faz de conta.

4

Juventude administrada
em atualizações constantes.

A tensão invade
a vida e a transforma
em iniquidade:

idade
transmudada
em exames.

(Não resiste à análise
e se refugia).

O jovem atravessa
a rua e seu lar
o acolhe em lembranças.

5

O corpo dorme

o dia atravessado:

despontado em noites

acondicionadas

em papelões rasgados:

amargo fausto após a festa.

O estertor da festa depois do nada.

(O corpo dorme).

A cidade revela segredos

adormecidos: ensina

luzes entre pedras

lançadas à calçada.

6

Endurecido em prédios
de estruturas percorridas
por caminhos fechados
ao passado: em luzes
fotografias determinam
a passagem permitida.

Concreto sentimento
de poder e posse:
 papel jogado
 no lixo.

Atende ao sonho
e a lembrança
se opõe no prédio
 em frente.

7

Ônibus lotados

Trens superlotados.

Ruas transportadas
em mapas dobrados.

Dentro da bolsa
a mulher transita
o necessário.

O sonho aproximado
reconta a desnecessidade.

O sinal reabre o fluxo
e a lotação se desfaz
em inúmeras paradas.

8

Obviedade: pela porta
aporta.

A maior idade
é o desejo. A menor
idade
passeia praças.

O porto conduz
o lar pelo inconsolável
mistério da propriedade
sitiada.

9

Aguarda o sinal

atravessa:

a vida permanece

em calçadas

de transeuntes tantos.

O todo conformado

entre passeios.

O pássaro

atemorizado descobre

o vidro e se integra.

Entrega: conhece

da pedra o sentido

ilusório da permanência.

10

Na casa dividem sonhos
sobre filhos e felicidades.

Residem anos
no mesmo tema.

Tremem desconhecidos corpos
intocados. Casas conservam ares
desconsolados e os sonhos
terminam em segundas-feiras.

11

Longo espectro

ilumina o silêncio:

a falsidade descobre
no engodo
a verdade. A cidade
atravessa ruas
inexistentes. Em
árvores remanescentes
repousam mentes
incapazes: opacas
formas desprezam
a música (inexistente).

A escuridão avassala
o medo. A casa
desorienta a passagem.

12

Ansiedade e desassossego.

Na magia inexiste o contato

e a realidade confunde

o sono em sonhos

desmesurados.

O animal amestrado reside

de porta em porta: busca

o desenho retirado da folha

em branco.

Ainda é dia e as obrigações

sucessivas enredam corpos

em galhos (mantém a calma

até a chegada

do socorro).

13

Anuncia produtos
em iluminados sinais:
 reverbera o grito.

A cidade reorganiza
seus espaços obstruídos
em levas: chegados
e presos em cordas
arremessadas ao alto.

Espia na entrevista
palavras de louvor.

Anoitece.

14

A idade desenvolta
envolve seus quinze anos:

vive o refluxo
da noite. Desnorteada.

O lar irresoluto encobre
a saída. Tem na liberdade
o preço: apegada ao pecado
se habilita em julgamentos.

O jugo cobra preços
impensados. Tem três
vezes seus quinze anos.

15

Descobertas enriquecem
o viver: víveres em despensas
de vivenciados fatos.

O lar traz o sentido
inverso à descoberta.

A cidade fecha saídas ao oportuno
vivenciar das ofertas. Certas construções
desfazem novas obras na reclamação
da fatuidade do desastre.

16

Canteiros dividem: ir para casa
sair de casa. A rua serpenteia humores.

No ônibus a cidade aguarda
paradas. Repensa canteiros no concreto
instante em que a autoridade
refeita em cálculos
decide colocar a pedra
sobre nada.

17

Chegam trazendo
poucas bagagens:

bobagens juvenis
e desencontros senis.

O filho veio
antes
depois: trazem
a imagem idiossincrásica
do livro não escrito.

Lugar encolhido
na realização
do feto consumado.

18

Sorte aventada
em gritos: ouro
prata
apólices.

Nada emociona
o relato de histórias
descontadas no final.

O ônibus para e retorna: seguem
o caminho esmaecido
em passos decididos
de antemão.

19

Fazem moradas inabitáveis

e sem sorrisos

e sucessos choram

o desamparo amargo

(o adjetivo enumera)

na impossibilidade do regresso.

Não se demoram: lados

se desenrolam sem vestígios

e a fria impressão do ocaso

é você dizer a verdade.

A cidade não mente lares:

desdiz a cidadela e entrega

o espaço na vastidão.

20

O lar negociado oferta
sua pena. Exige palavras
de otimismo. Sucede à lágrima
e decompõe o amor
na sagração dos ares.

O medo desmerece o lar
abandonado. A cidade impõe
a incerteza do regresso.

O negócio transborda
na completeza da seriedade:

obriga o mistério
ao desvelo.

21

Se aos deuses não são concedidas
prezadas: prende a cidade na imaginação
e o dever se avoluma.

Indignidade
e contas feitas.

O mercado oferece
produtos perecíveis
e o alimento
condicionado
em invólucros
se desfaz em erros.

Deuses se esforçam
em aprovar suas verdades.

22

O abandono do lar é a larva
na água: o lodo prende os pés
e o corpo desfeito se renova
em fugas. A cidade é imensidão
perdida em erros. Não visitam
paragens. Não existem
margens vistas à distância.

O lar abandona a estrada
e sob a água do rio fluem pontes
na brincadeira terminada.

23

Imprestável força
da vaidade. O lar
romanceado em histórias
ofusca os fatos.

Contido em atos
o desalento se apropria
da inverdade: pesam
os ombros e o trabalho
permanece não efetivado.

A recuperação é lar
refeito em promessas
não cumpridas.

24

Não há sinal de ganância.

Grossas pernas
engravidam lembranças.

O grave balançar
das cadeiras. A praça
oferece o verde suficiente
ao resguardo.

A cidade beija
sua nuca
e o perfume
entrega a mensagem: humilde
ser na cadeira de balanço.

25

O guarda apita
a eventualidade
do delito: amargo ricto.

O lar assume o lado
inercial da espera.

Aspectos limítrofes
entre o espaldar
e o assento.

Sobre o desperdício a cidade ressoa
exemplos de dedicação e coragem.

O lar
se fecha em janelas.

26

Aos amores deixados em lares
de origem
a cidade desfaz
a recordação. Intocável
estabelece parâmetros: o corpo
e o espírito desinteressado

(soterrado
o lar renasce
em obrigações).

segue seu desaparecimento.

A renúncia é cerco
em similitude.

27

Enquanto caminham ruas
desnudadas em segredos
segregam medos
e vaidades recolhidas
afloram.

A perda se resume ao mundo
aumentado dos negócios.

Cessam passos. A limpeza do corpo
permanece no ermo trajeto.

Lares pluralizados
em sentimentos aforísticos.

28

Mudam caminhos: labirintos
passeiam impávidos. A última volta
retorna. O lar reencontrado
em mulher e filhos.

A cidade raciocina na casa
encravada: amanhã operários
transformarão a família
em desabrigados: residem gestos
obsequiosos na cidade
retornada ao início.

29

Monumento

voltado
à sombra
da casa

espia
confronta
dispensa
a hospedagem.

Estática figura
de quem foi
embora.

O tempo consome
seu material: a cidade
constata o esquecimento.

30

A esquina desdobra
a inconclusão no descaminho
e a revolta pelo trajeto.

Retorna em pássaros
sobre as casas e se detém
adiante. Nada adianta
a sua lembrança.

O lar desmerece
o encanto da criança.

Desfavorece
e desmorona.

31

Pode reclamar
da crueldade

arriscar maldades
grifar ofensas:

muros acolhem
rabiscos
e desenhos.

Pode desejar não
ter voltado.

Cidades inóspitas
de construções alheias
em desatinos.

32

Na obviedade dos acertos
conserva em álcool a imagem.

Machucado
em sua majestade
reorganiza o corpo
para o embate.

O óbvio rebate o choro
e lágrimas
alegam horizontes:
a porta enfeixa
os pontos: abrir
e sair
entrar
e ficar.

33

Na hora certa apagam vitrinas
desligam semáforos

- tornam amarelecidas
as lembranças –

cerradas em grades portas
travam o gesto de saída.

O lixo repousa no passeio:
ratos circulam ralos.

34

Acorda tarde (manhã consumida
em sonhos tardios) e projeta o corpo
à janela: quinze andares afogam
o espaço em desprazeres.

(A noite se aproxima
nos sonhos amanhecidos).

35

Fugindo do que não
tem

chegam: abrem ruas
fincam postes
colocam bancos
na praça.

Da torre da igreja
vislumbram terras
férteis.

Hoje a classe embevecida
escuta o nome do patrono
imaginado em aterros
de lágrimas.

36

Não morre antes
do acontecido.

Não observa
o corpo desenvolvido
em idades marcadas.

Não determina a anterioridade
do exemplo na primeira
hora resguardada
ao aborrecimento.

Não discorre sobre o leite
esparramado em ondas
sucessivas.

37

Na ponte
debruçado corpo
olha: águas
transbordam
palavras poéticas.

Olhos observam
a passagem

(o corpo
rígido
esqueleto: olhos
lamentam águas
passadas).

38

O sentido: confiante
no reconhecimento.

Destrava a arma
e abre o peito
em delírio.

O pássaro esvoaça
a sua cabeça.

A arma cai
ao solo: consentido
instante entre a dúvida
e a certeza do desconhecimento.

39

O lar construído
em murmúrio
diz das casas
erigidas em sólidas
bases
 gritadas no terreno
 inexistente da cidade
 fantasiada em lares
 abstraídos.

40

Pensa declamar

sonetos. Ensaia o gesto

imposta a voz.

O texto gargalha espaços.

O gosto se faz amargo e frio.

O soneto adjetiva o instante

em que a voz gagueja

palavras de desistência.

Na mudez com que contempla

a janela fechada ao verso

revertido: o corpo pende palavras.

41

A casa desconhece
suas entranhas.

Animais acéfalos
determinam o rito: história
aventada pelo tempo.

A música repete
a injúria e a náusea.

Construída em concreto
a casa desmerece
o lar interiorizado.

A cidade não tem
nada com isso.

42

A cidade não pretende
guardar pessoas
transeuntes: a casa não pretende
prender.

O lar pretende
exercer o poder
sobre o trânsito
na elementaridade
da condução dos haveres.

A cidade perde
a concentração: desdiz
suas constatações.

43

A pele conserva
o todo. O animal
concentrado. Esqueleto
encarnado em viveres.

Casa
castelo
e ombro amigo.

O lar alardeia
indigestas conquistas
em passagens citadinas.

44

Alarga o horizonte. Sai em busca
dos mitos (a tela anuncia a casa concentrada
em amores e riquezas). Ment
o tempo não apropriado das proezas.

O tremor da terra
desconsidera a casa
alocada. A cidade se ilumina
em chamas. O horizonte
sucumbe ao estrondo
do lar posto fora.

45

Comunga o contrário: a dor
restabelece o combate. O contato
na dispersão do corpo.

Esconde a casa
e o lar
ressurge: nada
é o bastante
esquecido.

46

A cidade comporta
a água derramada
sobre o leito. A seca
distribuição do afeto.

De lugar
algum
traz a avidez
da posse

(desconhecido ser explorado)

na propriedade
indivisível.

Arruma sua casa e adentra
a família: carrega os trastes
e desfaz a canastra.

Na pedra deposita
a imagem.

47

Era ninguém

alguém

o nome apropriado

ao chamamento.

Elemento desacostumado

ao contato: prisão

entreaberta ao escuro

dia anunciado

(era também o filho

registrado em regresso).

O lar: combinação do ar

rarefeito ao arco triunfal

dos opostos.

48

Engloba quinze andares
dezesseis pavimentos.

A casa recortada
em elevadores
e corredores.

No final do espaço
a porta se abre
em lares. Dispensa
a oferenda e se importa
com o barulho: a rua
é a cidade na proximidade
do tempo consentido.

49

Às vezes um animal
selvagem invade
o território urbano.

A cidade o acolhe
e o transforma
em doméstica
estatueta.

Os filhos guardam
em lares naturalizados
empalhados animais
cicatrizados.

50

Nos lares permanentes
habitam filhos
felizes: travessuras
e músicas.

O pirata rodopia
sua perna de pau
e o aventureiro canta
músicas de arrebóis.

Casas concentram
lares despercebidos.

A cidade ignora
a música: apropriada
ao silêncio receia
amanheceres.

51

As cidades se parecem
as casas se parecem
os lares pertencem
ao processo: o fogo
refulge a madeira
 a água
incha a madeira.

A casa flutua
ao sabor do elemento
contido pela cidade.

52

Cidades se contemplam
em ciladas.

A qualidade comprovada
na hora do desengano:

dentro de casa o calor da família
hospeda desavenças futuras.

No seio da família o frio
antecipa a insensibilidade da casa.
A cidade são pedaços
estrangulados da vida amorosa
deixados pelas calçadas.

53

Perguntas:

razões para desavenças

razões para desconstruções

para despovoamento

interrogações merecem

centímetros

avançados

em direção

ao todo.

Antes: a vastidão do campo

sobreposta à inexistência

do corpo que o cerca.

54

Procura na essencialidade
o sócio acompanhado
para a luta. Debruçado
em pactos provisórios
conhece do destino
a flor entreaberta
em ofertas. O sorriso
deixado no espelho
reflete a casa. O lar
acordado em sentidas
essências é o aprontar
no embate até então
vencido.

55

Não é o mesmo
ao chegar
no desprezo
pelo material

utilizar ruas
inferiores

e habitar
a casa elevada
ao topo

- solidão idealizada
em golpes de martelo
e no galope dos cavalos
alados em lares desconexos.

56

Feridos em dores
a idade nega
a responsabilidade

dirige à morte
o repto: a casa
dentro dos lares
é instante
inexato da existência
das dores.

Feridos: dores
deixam os corpos
cansados. Ao relento
a cidade concretiza
a ideia da irresponsabilidade.

57

Navega o rio
na encosta
e o mar
enreda
casas.

Branças casas avarandadas.
Bancos de areia.

A água em refluxo é lar e moradia:
a namorada magoada se refugia
em ondas.

58

Meia idade: abandonado na cidade
de milhões afetivamente carentes
no corpo e espírito.

Divide a casa
na ocupação
do lar
com a família.

Eis o anúncio.

59

Há brigas

e separações:

passam pela casa
e se confrontam
em ruas.

Hotéis lotados.

Camas vazias.

Lares se desfazem
em novos lares. A cidade
refeita em personagens
de única vez.

60

Passam pelas cidades na igualdade
da paisagem. Destacam telhados

calçadas

praças

igrejas.

Repassam casas decoradas
em modas ultrapassadas:

a verdade no mais tardar

da inconstância. Bebem

e riem.

Reprovam lares estabelecidos
em camas separadas.

61

Traduz em delegações
e alçadas o sofrimento
de ter ido embora.

Nova cidade

antiga casa

o lar reconhecido

em lembranças

impõe reflexos.

Dispensa a intermediação
e se diz ausente no desejo.

62

Chega tarde
em casa: dia ido

a família ausente
traz a ideia
da inexistência

o lar revoltado
em mares antes navegados:
afogamento
afogadilho.

Pela janela a cidade
em noites acordada
ri em ventos.

63

O fim predisposto
no incidente: lembra
o remédio ingerido.

Cessa a busca no desencontro
pela casa desconstruída aos poucos

anos passados
em lares resistentes.

O alarme dispara a sequência
com que a cidade recobra
os sentidos.

64

Aqui o quarto
ali o espelho lá a imagem
refletida da casa.

A cidade ensimesmada
esquece o acontecido
em portas fechadas.



DOCES CASEIROS

Ingredientes

Colaborar para que o universo seja substância
alheia ao desejo. Antes e depois adicionar
artigos
de palavras seriadas. Há a possibilidade
de a mídia se multiplicar em plataformas.
Águas ferventes e gélidas personagens.
A ideia no consenso da palavra
mentida. Sons em regresso
e animais canibalizados
nas sextas-feiras. Adicionar
despistes para ludibriar o jogo: queimar
gotas de suavidade.

O jantar imerecido no amadurecimento
gera a gula antecipada de anos
posteriores ao descarte. Onde signos
tergiversam ícones no desdizer
prescrito em usos. Maus costumes
alimentam afogadas vicissitudes.

Vícios se oferecem além-modos.
Sentimentos ordenam silêncios.

A viagem condiz situações
de sonhos no desgosto
acre e cru do universo
contemplado na possibilidade.
Amores em sonetos ao pé da letra.
Despedidas. Choros passeiam interiores.

Dores comportam partos.
O início em palavras aumenta
o significado: mais suspirem
disparates deixam rastros
de espumas. A combinação
eletriza e o verbo condiciona.

Enigmas permanecem
no pé da escada. Pontes
transbordam ultrapassagens.

Crianças ao demonstrarem
a idade mentem obviedades.

O passado condensado
no extremo do dito
popularizado.
Esquecer repete
esperas. A esfera
é (também) o globo
em que amenizam
seres desproporcionados.

Ao andor cabe carregar o corpo sacralizado
em orações. Ao ardor compete repetir
indigestas paixões. Colocar os pés
sobre a mesa reflete vidros de janelas
entreabertas. Ao conceder perdão
o espírito se defronta em medos.

Se por todo o sempre
haja evidência
do retorno: restos a pagar.

Se ao apagar da lousa resistam letras
(e acontece). Ao desdizer mensagens
alguém receita outra dose: falsidade.

O inolvidável repete. O esquecido permanece.
O sonho. Em ocasiões alheias pertencer
faz as contas de chegada.

Mesmo assim: duas vezes
o perigo
ronda. Duas vagas lembranças.

Apenas o consentimento se desfaz
em obrigatoriedades.

O trem passado em gares:
negros quadros anunciadores
de horários.

O fragmento contém a obviedade
em que o todo se repele.

A limpeza transforma o ambiente.
Higieniza quantidades.

A escovação do piso.
O jato d'água.

No balcão repousam limpezas.

No refrigerador habitam
depreciações em erros.

A concessão de asilo
se resume em almoço
e banho.

A cortina dispensa venezianas.

Família oposta aos conselhos
de que falam profetas e falastrões.
A bebedeira do irmão mais velho
e a velhice precoce. A mudança
antes que a temporização
dos fatos se desfaça.

Famílias em catres menores
e a sala em visitas em sofás.

A cadeira predileta.
A cadeira de balanço.

Menos que a verdade repetida
em encontros pelo desdizer.

O desencontro represado
em aulas de familiaridade.

A ilusão conserva o escopo
desfeito em pílulas ingeridas
no primeiro almoço. Menos
que a decadência inerente
ao corpo na velhice
atravessada em disparates.
A correria posta em contato.
Na chuva se reconhecem
passos efetivados no descanso
de quem se junto ao cão
que o aguarda.

A impropriedade pertence
em partes desiguais: a dor
recomeça as circunstâncias
(mesmo que)
o objeto se transforma em mãos
libertadas em abanos. Ao futuro
cabem filhos
netos. Sobrinhos na extensão
do termo. O termostato
em diferentes formas segue
o trabalho na precariedade
equilibrada: mentem tempos
desprovidos de casas e malas.

A verdade identificada
pelas moedas jogadas
ao pedinte.

O nome de quem assume a fatuidade.
Caso reaberto no exercício da paciência.
Entre colunas o aprendizado despreza
a imprevidência do exemplo.

Nem sempre ingredientes sustentam
a ideia do lugar comum: o tenro
desdobrar do evento
traduz a consciência
de quem se diz cego
em aparições.

Fosse preconceito a indeterminação
na mulher ao relento e o rebento
afastado do peito. A crítica
gera abusos. Tormento.

Saber-se esterilizado
pelo pecado na prática
de verdades intermináveis.

Nem o outro lado.
Nem em outro estilo.

A concepção no tropeço
vivido como escape de situações
anômalas em desenredo. A falta
de notícias ao corpo civilizado.

Asas de frangos
polenta frita
salada verde
arroz

doce de leite
arroz de leite
pudim

café preto

escovar os dentes
e sorrir para o espelho.

A ação abala a espera.
Ônibus lotado em circunstâncias.
A primeira curva na ponte
agora sem cabeceira. O prolongamento
do susto em risos. O sorriso
da mulher ao lado.

Algo entre o nascimento e a metade.
Entre o meio de campo e a linha
em defesa dos haveres.

O irreconhecível em prantos
na relíquia: o grito.

Ao destino convém desiludir a constância
do vento contra o corpo. Embalar sonhos
em papéis no farfalhar cortinas.

Irradiar escuros
caminhos de minotauros
nas bifurcações prováveis
da inexistência. Ritualizar o escopo
em vida
na insistência
do espírito pela imanência. Assim
o desatino
se mantém
ocupado
na ausência.

O amargo sobreposto ao gosto
demonstra o conteúdo violado em regras
no regresso remetido em conteúdo.

Amarga a disponibilidade amiga
em cumprimentos a destecer
a família em redes. O esgarçar
da contingência em horas
de silêncio. Até anoitecer ressoam
passos pela casa em despedidas.

Quando não amanhece animais se antecipam
aos homens ensimesmados: ônibus circulam
lateralidades e no início refluem gestos
de cansaço: a voz descansa sua fala
na paisagem repetida em ruas.

Apertados em si mesmos
corpos se ofendem
em contatos. Antes amanheçam
fúrias diuturnas
o sono se faz breve
intervalo na irrealidade
de quem sobrevive em sonhos.

Mesmo com a chuva
torrencial a pedra
lava a calçada: ordens em termos
manuais de obediência.

No segmento seguinte do último
passo o regresso se afirma
na obviedade. Chove novamente
sobre a calçada. Passos obedientes
deitam lama nas pedras.

Dois filhos: o corpo
desproporciona
o contorno: revistas desatualizam
roupas convertidas
em depósitos. O despropósito
acompanha os filhos
na liberação. Corpos se oferecem
restados no descompromisso.

Filhos objetam necessárias
particularidades: o além-objeto
comprova o resgate.

Quantidade

O sentimento desprovido na pedra
se coaduna em areia: o ilimitado
desejo de ser o ultimato. Consideração
outrora relançada no após na condição
inercial do oportuno.

O desejo remonta
fúrias desaquecidas.
O corpo estreme dúvidas.

Menos da metade de quem se preocupa
leva objeções extremas: a maioria
se contenta com os olhos fixados
no horizonte: alguns despreparados
no ofício. Outros desconsideram
o ônus probante dos acontecimentos
ao falar do que desconhecem.

Circunstâncias enredam
oportunidades: mais ou menos.

A excelência do significado
no largo sorriso da criança.
Presente no se aprofundar
em futuros: tempos
temporalidade
tempestividade
temores. Ouvidos atentos
no desdobrar da palavra enquanto
vernáculo proposital do segredo.

A perda concedida na quantificação
estratifica o termo: leva o desgaste
ao início
de onde
provém o desgosto. O apreciado
na noite se esboroa
em seco
pão. O cerco
denuncia o medo de ser impelido à água
de onde descendem barcos
ao chegarem. A continuarem
suas partidas em ventos.

Existe quem desproposita
o universo em inolvidáveis
esperanças. Os que apegados
em doenças são corroídos
pela indeterminação:
esvoaçam passados.

Em épocas acertadas de contemplação
desídias se oferecem em provas
desiguais: perdem suas vidas
em exteriores convencimentos.

Pétreas figuras desatenciosas
no plano principal.

Mínima desconfiança.
A mímica constrói enredos desditos.
No silêncio são construídos mundos
lançados aos rebentos.

Novos conceitos
traduzem velharias em roupagem
refeita: fios tecem oportunas
ações entre quadros. A confiança
perambula inexatas porções
de concretas palavras
ao pé da letra.
Amanhecidos em poucas luzes
se lançam em despropósitos.

Na repetição
o irreparável está no erro.

Sentir amedronta: caos
organizados simultaneamente
em simpatias. Dois ouvidos
escutam certezas. Restam
cérebros aplainados
no excesso de coragem.

Tempo decorrido
no distanciamento reposto
em reprimendas. O pouco
esvaziado em olhares
ao lado: a inconsistência
no repleto silêncio.

Nenhuma palavra confunde
o inconstituido: frases dispersadas
no contexto: a reafirmação da birra
na desatenção do exílio.

Sempre: ilusionismo tematizado
em elementares discursos na proximidade

enganosa de quem
se desencontra
ao ressoar ajudas
e auxílios: descaminho

tracedado na obviedade
do palmilhar estatizado
no reingresso. Café requentado
com açúcar. Colher
suspensa em pensamentos.

Dose
reforçada: duplamente filtrada
no esforço
em que o espírito
se reinventa em prosa.

Desforço físico
em se aparentar
ao despropósito.

Alimentado em chuvas: molhado
corpo caminhado ao encontro
de que sucede: abismo
e altitude.

Águas decorrem papéis
jogados na desleitura
do conforto e inveja. Sincera

participação do que resseca no atraso
do corpo: onde se movem circunstâncias
em cicatrizes.

Indolência daquele que se diz
criatura: errôneo formato
anteposto à parede. Reflexo.

Indulgência com que o outro
se afasta
em acobertamento
e reafirma
sua descrença na totalidade
do sonho (assim) descorado.

Parede esvaziada de alguém
que se debruça antes do tempo.

Sempre que o alvoroço
amaina. Quando a cana-de-açúcar
queima folhas. O primeiro sopro
reafirma dogmas
em deuses acordados: transe
transeunte
transportador
transferência.

No silêncio a moeda
ofertada em pagamento.
Dez passos.
Vinte passos.
Léguas.

A infinitude dos caminhos
constrói labirintos: na falta
da rotina o susto se contempla.

Após passos soados na intempérie
o soldado compreende a longitude
na diferença recomeçada ao alvitre.

O recolhido em esmola.
O pagamento em moeda
 dissonante maneira
 de comprometer
 o etéreo. A abstração
condenada no conteúdo desprovido
de habitualidade. Óbolo negado
ao transportador: olhares
 esgarçados
 em solstícios.

A altitude permite horizontes
indistintos em prédios de apartamentos
restritos.

(o metro quadrado
simboliza a posse pela janela
oferecida em propriedade).

Alguém olha ao alto
 na percepção do corpo
 regrado em gravidade.

A individualização do gesto
contempla o acervo na recusa
em se fazer aterrorador.

Sempre a ideia da eternidade
do fato: escritas palavras
em descritos temas.

Na descrição repousam idiosincrasias
e inveja e ódio e impropriedades
na gentileza dos olhos
presos ao outro lado.

A confluência na espera
e o esperto saber-se autônomo
na ilusão provisória
de quem se cala.

A discussão permanece no silêncio.
As diferenças confrontadas.
O verborrágico senso de oportunidade.

Anos passados.
Dias presentes.
A fugacidade futura
na transformação do engaste.

Floresta e savana
e deserto: o desertor
no medo do regresso.

Uma casa do lado da outra.
Uma porta em frente à outra.
Um cão que late solidões.
A viagem em dez pagamentos
com pequena entrada.

A saída bloqueada pelo caminhão.
O elevador entre andares.
Uma luz sobreposta à outra.
O barulho da água despejada.
Uma janela iluminada.
A cama vazia.

Modo de Fazer

Encurtar distâncias: o verbo
conduzido desmerece a atenção
dispensada: sofrer
a inércia
ao chorar passados na evidência
conflitante entre desdouro
e futuro acalorado.

(Que no primeiro beijo
abriu os olhos
e no primeiro abraço
deixou suas mãos
inertes.

Que na continuidade residem
opostos: que nas sombras
coexistem beijos e abraços).

O castigo inventado remete
o ato em contragosto. Interfere
na face: Nos olhos habitam
imagens consolidadas
pelos anos
de crescimento. O castigo relembrado
atualiza o desgosto.

Em ouvidos atentos ao menor
ruído ressoam
intempéries:

o castigo se faz permanência.

Ancora incertezas acumuladas
em sermões
de desdizeres. A infelicidade
repensada em copos e corpos.

(Repito).

No ritmado esboço
do que seria
em condicional
labuta: despista o medo
em discursos no sinal fechado.

Há de se desdizer ao inviolável.
Quem indetermina a palavra
refugiado no recôndito. O ofertado
ser no renascer

- E MESMO ASSIM –
decorrido em compasso de espera.

O esquecimento é membrana afunilada
no despropósito: carvão em desprezo.

Palavra violada
no significado permanente.

Habitar o que herda
como estigma: relatar ao acontecido
as circunstâncias. No desdobrar
do que não é doença reencontrar
o indevido. O avanço requer
significados. Ao redor
da excelência habitam
circunflexos desejos
para mais tarde.

Delações afiançam: inúmeras
correntes prendem
a substância.

Além da fome transgridem
corpos: impossível.

O relato refuta incosequências.
No tremor as mãos confiam
terceiras exceções. O grito
expressa: a casa
concerne propósitos. Portas
concretadas.

Brincadeiras de nunca mais.
Personagens desnudados em processos:

ingressos e salvo condutos.

A falta retumba.

A tumba conserva
 significância.

 A repetição. A seriedade
confunde: na manhã adjacente
tremulam bandeiras de terras
inatingíveis em viagens
sem passeios.

Negar o recurso: denegar.

Na reafirmação do rito conter
 o inevitável.

 O recurso procede no sentimento
e a ruindade explicitada
reacende
anteriores frases
 desconhecidas em novos
 tempos.

Do editado

 em adágios
 o popular esvai
 permanências: falam
 inutilidades. O costume
 na tentativa de ser
 quem conta inverdades.

O significado pertence ao preço
estabelecido pelo retorno: dizeres
abismam na fragilidade.

Em respeito: doações recebidas
na obrigatoriedade
do sentimento. O medo
evidencia eternidades. Na multiplicidade
da terra consentida: inteireza
do remanso em que águas transbordam
fontes. Alguém reclama solidariedade.

Naturalmente expostos
sentidos materializam
pessoas envolvidas
com suas famílias.

Nem sempre a ponte externa
seguimento: marcações enrijecem
os negócios. Mágica readaptada
no aprendizado antes ressurgam
obviedades e visitas se distraiam
em discussões. Assuntos solitários
se esvaem na interpretação.
A interinidade desdobra o corpo
em exigências. Sobre a mesa
repousam orquídeas renascidas.

O desastre desorienta a expectativa
de a vida ser
“mar de rosas”.

Nem ser leito
de pétalas.

Nem ser o denodo a oferta
de quem se recusa
no oferecimento: ofertas
estames
e escamas: aproximar
palavras em relatos. A desocupação
da terra através da mensagem
de correção na jornada.

Irmãos brincam de qualquer
coisa
em quintais inexistentes.
Pais se desentendem
em noticiários e novelas.

O irmão mais velho se prevalece
do tamanho. O irmão menor
se defende com artimanhas.

A irmã banha o corpo
na expectativa do noite
em que se revela.

O amigo some na fumaça.
A primeira vez sem música de fundo.

Desconfiança: reter a imagem
do corpo possuído
em lágrimas.

A desnecessidade na porta fechada.

Mesa: conversas esvaziam pratos
desprovidos de realidade. O café
requenta histórias mal anotadas.

O amigo repete cotidianos
no crime tipificado do início.

Por que “a resposta vem com o vento”
e “dessa cartola não sai coelho”?

Se no infinito ressurgem
dúvidas em desdobradas bandeiras.

Se ao acaso circundam
campos floridos e na essência
o descaso repousa ares reprogramados.

No reinício ocorrem desgostos
pelo dia passado em “águas paradas”.

A indecisão contrai a musculatura
e exime da prática a apatia. Deixa
estar em si: outras sequências
levam o corpo ao desgaste no destino
fragmentado em sonho.

A rescisão
contempla sepulturas entreabertas
em verbos: o movimento na oclusão
entre ócio e ódio. Palavras em recato.

O descrédito esvazia a inconstância
dos atos
abandonados: o calor da casa
relega o plano. A chave
ressoa dobradiças
na saída. Luz apagada.

na impropriedade a conversa
definha possibilidade.

O silêncio impõe diferenças
alargadas em circunstâncias.

O amanhã repete inconsistências.

Figuras ficcionadas
teimam execuções
em desdobramentos.

No arremedo em que vivem
restam despropósitos.

Um gole
uma garfada
um olhar.

Desprezo e desprezado.

O inaudito reverso sobrestado
de imediato no alongar
da perspectiva: deixar
de lado.

Recheio

Perceber no restolho
o ofertado: ofensa
em descanso. Método
de progresso. Ondas
sobrepostas no barco
(ainda) ancorado.

O sobrepeso impede a normalidade
das ideias acostumadas pela primeira
leitura. O retalho coerente em costuras
de novo pano. O fundo confunde
costumes desacostumados.
A sombra ilustra imagens
contorcidas
no cotidiano: o choro remete
à impossibilidade. Olhos rasos
flutuam a compreensão da perda.

A fúria desacontece
na perseverança. Antes
anoiteça em casa: a cama
inibe movimentos. O dia
repassa acontecimentos.

Adormece.

No centro da peça a pessoa contrai
sentidos: interrogatório iniciado
pelo nome. Profissão endereço
e comprovante de residência.
Descartado na autoridade
legalmente construída em concurso
o indivíduo relembra tempos
de passagens despercebidas.

Cada poema trespassa o indeterminado:
dúvida imposta no desconforto
de horas paradas: águas passadas
na convergência do arco e flechas.

Toda procura contempla
buscas até então
inalcançáveis no desdobrar
de palavras avocadas em destempero.

O poema contém o afrodisíaco
na esterilidade do que não converge.

Erro em que trafega
a boa vontade: apelidos
alcunhas
individualidades levadas
ao final
do estágio: reunião das mãos
sujas em algo inominável.

Sonho decorrido
no esquecimento em frias
manhãs no amanhã
após o parto. Perto residem
perdas acobertadas em erros
na necessidade tangível.

Meio quilo daquilo mesmo
com meio litro daquilo outro
e algo que transcenda.

Acordar antes que o espaço
seja preenchido: sorriso
deixado pelo aviso no tempo.
A boa vontade de antes
na anterioridade do acaso.
Algo que suspenda o esforço.

No sacramentado
não cabem emendas
de recortes: a totalidade
prevalece sobre ombros
sem objeções: pernas
cruzam espaços
e
no objeto indesejado (desde
sempre)
a reafirmação dogmatiza
o inoportuno.

O costume na permanência do gosto
adquirido enquanto necessário.

Cultivar
alegorias em fantasias decorridas
do sonho ofertado ao continuísmo.
Organismo vivificado em convivência
no alcance da mão na desorientação
dos fatos acostumados em indolências.

(Animal arisco em dizeres adestrados).

(Sim): a sensação de batem à porta
e se anunciam arautos de boas
notícias: dinheiro
e saúde. Plenas
realizações. Fosse
o ano novo em comemorações.
O aniversário em brindes.
Bebidas e doces caseiros.

OUTROS POEMAS



ESPERAS

*Não acumulo esperas
sou estrada
em frente*

*não atravesso esperas
sou caminho
decorrente*

*não ultrapasso esperas
sou parede
em frente*

*não esqueço esperas
sou sequência
em frente*

*não estremeço esperas
sou solidificações
em frente.*

TAPETES

*Sobre o tapete
caminho
flutuo em céus de agosto
sombrios e frios
sou o sul
do planeta*

*sobre o tapete os corpos se encontram
céus e sombras
orgasmos e gozos
somos o sul
do planeta*

*sob o tapete o passado guardado
nada importante
saudades e lembranças
são o sul
do planeta*

*nossa história revira os tapetes
revigora.*

MENTIRAS

*Identificar os pinóquios
e ver seus narizes
crescerem no que contam*

*cantos de guerra
revolvem a terra
em busca do tesouro*

*nafragada a garrafa leva o nada:
plástico ao sabor dos ventos*

*não há bilhete
a mentira perdura
repetida como verdade*

*com narizes crescidos:
pinóquios observam
seus monstros pela amurada.*

TENHO

*Porque tenho frio
gela o tempo
que me resta*

*porque tenho medo
amedronta o horizonte
em trovoadas*

*porque tenho angústia
encerra meus sentimentos
em lugares úmidos*

*porque tenho o silêncio
cerca meus ouvidos
de estrepitantes acordes*

*porque tenho a verdade
cala minha boca
em representativas bancadas.*

APORTAR

*Não sinta medo
o menino crescerá
como todos
em oportunidades
terá o colégio
terá dúvidas e desejos
superará angústias
e insônias*

*verá no horizonte
o carro de fogo
da vaidade*

*esconderá a face em cada negativa
beijará as mãos eclesíásticas
com orgulho e respeito*

*em pouco tempo estará pronto
amará casará terá seus filhos
que o repetirão*

*estará apto ao trabalho
pronto para o trabalho
dormente trabalho.*

ÁGUAS E ÍDOLOS

*Ví as águas chegarem
ví as águas caírem
ví as águas escorrerem*

*ví a imitação do ídolo
ví a tensão no ídolo
ví a fraqueza do ídolo*

*ídolos e águas não se completam
não se igualam
não se atravessam*

*o ídolo foi água abaixo
águas cobriram o ídolo*

*as luzes foram
apagadas.*

PÓ

*Há o pó resguardado
poeira escondida de nossos olhos
poeirentas vistas cansadas*

*não será a idade avançada
lâmina que da espada penetra
corpo sem carnes*

*ossos e pó dos ossos
fragmentados*

*pó resguardado pelo vento
levanta caminhos intransitáveis
rasga as faces em sorrisos
o corpo lançado ao solo*

*refreio o entusiasmo
espero a melhor hora
onde o pó se acumula
e é guardado.*

ESTRELAS

*Estrelas repetem o firmamento
dizem que o sol
cresce aos poucos
e nos englobará
em anos
se não formos
embora*

*o foguete explode na plataforma
e os que sobem
(sobem?)
não vão muito longe
em passeios turísticos*

*das estrelas o pouco brilho atrasado
que nos chega
e é capturado*

estaremos sempre por aqui.

MERCADEJAR

Mercadejo
a vida como se apresenta
desconto
aumento
desagio
o corpo
no caminho

mercadejo
a raiva de todo o dia
artéria esclerosada
endurecida na batalha

reconto as histórias
na minha maneira.

Quem me dá o troco
do que vendo?

Perco a hora do negócio
perco a vida no negócio
desprezo o preço.

SORTE

*Tenho a sorte
de estar presente
poderia ter faltado
ou não ter sido chamado*

*estou presente e participo
desta a sorte*

*bombas ao redor
tiros a esmo
traições
e vinganças
não inibem a sorte*

*acompanham minha presença
iludem meus sentimentos
mentem minhas verdades*

*tenho a sorte de estar presente
nesta ausência anunciada.*

CIVILIZAÇÃO

*Surgiram como combinações químicas
instáveis monumentos corpóreos
arrastados em correntezas profundas
inflada vida*

*tomaram a terra como morada
sentiram o peso do corpo
ao levantar a cabeça
erguer o corpo
iniciar a caminhada*

*caminharam pelo planeta
a comida o abrigo
o sentido de sobrevivência*

*sobreviveram aos anos
milhares tempos perdidos
em tantas criações artísticas
e descobertas científicas*

*descobriram que nada sabem
sobre os próximos dias.*

FUGIR

*Sem camisa avanço
a estrada é leve
o trajeto é longo
a volta inevitável*

*mais longe formos
perto estaremos de casa*

*na fuga
a lembrança acompanha os passos
por isto a fuga
infrutífera*

*o esquecimento é a única fuga
viável
tola imagem
desvanecida*

*esquecidos
a fuga se torna
inócua.*

INTERROGATÓRIO IV

*Sucessiva a pergunta mantém ativo o cérebro
o descuido desmorona no sentido ético
a cobrança esconde o motivo áspero
o medo expõe o corpo doído*

*afasto a lembrança: não penso
o raciocínio falha em cada etapa
a dor sobrepuja o futuro: fala*

*digo sobre todas as coisas
do que foi perguntado
dos sonhos de infância
da infâmia lançada sobre a família
do adulto precoce no meio das ruas
do que querem saber e de outras lacunas*

*assino o papel a segunda via a terceira
repouso o corpo no assento da cadeira
apagam as luzes
choro.*

ROUBO

*Se te roubarem a vida
enquanto fores pequeno
não entenderás muita coisa
mas carregará o desgosto*

*não teriam razões para o roubo
o corpo e o espírito deveriam
ter ficado contigo*

*o pouco te acompanhará
pela vida no vazio desgosto
amargurado em cada passo*

*se te roubaram a vida na juventude
roubado foste por toda a vida
e a tristeza será
tua única companheira.*

COMEÇAR

*Foi a primeira vez
aquela que não esquecemos
mesmo velhos e esquecidos
muito velhos e mais esquecidos*

*esquecemos tantas coisas
porque passamos na vida
a primeira vez no entanto
fica pregada no peito
como aviso*

*até que cessem
as razões para não a esquecermos
então a esqueceremos
como esquecidas estão
os demais começos
na nossa vida*

*nossa vida esquecida
perdida em reminiscências
contadas pelos amigos
de outros lapsos
de esquecimentos*

*eles não esquecem as primeiras vezes
em que entregaram os corações
em ofertas e oferendas inesquecíveis
alguns se deram bem outros
sofreram desde o início
mesmo assim não esqueceram
o que perderam
no começo.*

EXPLICAR

*Tenho obrigação de ficar quieto
calado entender e ver os fantasmas
pela sala nem a sola do sapato barulho faça
nem o motivo para ficar seja quietude*

*a raiva contida o palavrão desdito
quem está presente presente o tempo
ruim da tempestade desabada sobre mim
a morte predatória aurora sem luz
se derrama no meu calar e o colar aperta
o pescoço como laço como corda*

*calado fecho os olhos
para que meus olhos nada digam
nem completem a cena
a cama doce amarga no fogo
ouvidos se fecham em sons interiores
e o monstro palavra não dita salta
sobre mim. A explicação se basta.*

FINAL

*Tenho o destino
sei o caminho a trilhar
e a outra mão abre o vidro
de onde tiro o bocado
fome saciada vidro posto fora*

*afora o caminho desafora
desarvorado
entristecido*

*como quem sabe o caminho
mas não aceita o destino imposto
importa o jeito amealhado
nos confins da educação
do menino: lembro o menino
que fui antes da embarcação
e de começar a escrever o desaforo
em desarvorado e entristecido final.*

PASSADO

*Dizer do passado
o que lembro agora*

*ábaco
ágora
átona*

*palavras usadas nas brincadeiras
de palavras jogadas no quadro-negro
palavras aprendidas
de rasgados significados*

*dizer do passado
o tempo presente
em que os fatos foram modificados
no passar dos anos
pela fluidez da memória*

*folhas secas permanecem entre flores
no diário em que hieróglifos indecifráveis
cobrem páginas e páginas da vida.*

LUZ E CALOR

*A réstia de sol entra pela janela
semiaberta quase pronta ao que vem
de fora: a luz o calor a dor
adorável vulto iluminado e quente
meus olhos veem não se esquecem*

*pequeno raio de sol ternura antiga
armário fechado de gavetas cheias
emboloradas lembranças acondicionadas
em dias parados nebulosos*

*não resistem razões para que o calor
venha modificar o quadro e que a luz
- solar – mostre o destino guardado*

*fecho a cortina sinto o calor forçar o pano
reforço o fecho: a chave tranca a gaveta
a chave aventura no futuro o passado.*

IDADE

*Minha idade transformada em geográfica
ilha: o istmo última a ligação
onde os passos me levam definitivo.
Do alto dos anos vislumbro: o que vejo confunde
o passado e o presente: minha idade
além do meio do começo.
Curvo o corpo não em cumprimento
a coluna cede ao esforço
sou tosco e fosco início
desde a idade se fez presença
marcada no que me resta.
Escravize o tempo
me aconselha como mulher e mãe
secas palavras economizadas.
Bebedeiras se fazem longe
como foram as baforadas
idade esbaforida na fumaça
do que me resta.
Volto ao sozinho do corpo
vejo o sol esmaecido pela passagem
a nuvem cobre a luz e a idade cega o final.*

CONSTRUÇÕES

*Estavas perto e a máquina de fazer
cimento cantarolava pela tarde
azucrinando a espera: curta espera
de quem como tu estavas perto da chegada
antes que o piso seco desse entrada à morte
em outra forma: esbelto corpo mas os olhos
encovada e a face nada dissesse do princípio
e na laje rejuntada fossem espalhadas
tintas fantasmagóricas dando luzes
ao teu rosto adentrado e perto
o desejo de pegar teus peitos.
Hora morta e tijolos empilhados
na relva esperam a explosão do sexo
seco beijo concretado e a morte
chorosa no olhar partido
pelo amor encontrado
na pedra e na campa. Em silêncio
os amigos se retiram e a morte
some no escuro côncavo.
Mordo tua orelha.*

PÊNULO

*Momento em que a criação começa a desfiar
a envolta civilização em escuros e foscos
sem a luz solar sem a luz da vela
queimar sobre cabeças abaixadas
primeiro retorno ao labirinto
de trajetos inconfessados
fechados em altitudes rarefeitas
não pense o cérebro do que deixa
no ar pedaços de sentimentos
fecham os mares à cobiça
a navegação naufraga no porto
some o cais: a fumaça
da embarcação retorna à caldeira
explode o casco: animais furiosos
não guiam carroças: cavalos atropelam
os domadores: desaparecem cavaleiros
espia a fralda a montanha expele seus gases
frêmíta terra joga seres de volta
à Pangeia em lavas e pedras quentes
no galho da árvore a única folha
que o ser sobre as patas traseiras
pega com as patas dianteiras
justapostas em oração.*

PASSAGEM

*Da geração antes do dia
sobrou pouco do tabaco o cheiro
droga esteio dos sem-família
uivos a escura noite abatida
em quadrilhas dança o crime
e tiros acontecem*

*do não tempo
descoloridas paisagens restritas
gritos ouvidos na ponte
tentam esquecer a travessia
caminho aberto em ideias
de tudo ou nada
o avesso recupera
a forma original*

*geração desprendida
casca de seca árvore
na troca de pele
serpenteiam aves sem penas
e atacam ideias novas.*

CONQUISTAR

*Vieram por todos os caminhos
Óbvio e rastaquera chegar
Não fosse o motivo odioso que trouxeram
Nossa vida exposta na raiva conquistadora.*

*Nem riquezas tínhamos para oferecer em troca
Nem nossas mulheres seriam bastantes para aplacar
A raiva trazida em seus pés calçados
Batidas botas de grossas solas
Ira nos olhos.*

*Vieram para nos castigar pelo crime não cometido
Ao menos tivéssemos afundado seus barcos
Derrubado suas voadoras máquinas
Estripado seus cavalos
Sofremos o castigo pelo não cometido
Pelos passos repetidos
A ruga na face entristece a testa
Marca os olhos
No amor translúcido
Algoz de todos nós.*

INTERROGATÓRIO

*Discordaram entre eles
fumaram e tomaram café
não ofereceram nada nem água
que confessasse dissesse razões
objeto motivo enfoque
pagamento mandante cúmplices
quem ajudou na ação deu cobertura
onde se escondeu o que pretendia depois*

*rosto quente em luzes olhos cegados
gritos nos ouvidos empurrões
safaões palavrões tapas agressão
orelha doída arma na mesa*

*pergunta recorrente corrente na mão do carrasco
riso de escárnio grito de dor
raiva nas faces e os gestos
na recusa da resposta impaciência
estupor da inocência.*

FAZEDOR DE JOIAS

*Sou quem a teve por instantes
manuseou no ouro a jóia encravada
pedras preciosas
amuletos sagrados em flores
quem a desenhou no papel
secou a tinta com cuidado
levou o trabalho ao abrigo
onde o ouro e as pedras estavam*

*bruta rocha em pequenos pedaços
jaça revelada barra do metal
nova liga seguindo os traços*

*sou quem raspou o metal
poliu a pedra forma peso volume
desenho ressaltando o corpo no uso diário*

*não lhe guardei o nome
não interessou a paga
desenho não renovado em cópias
pedras e ouro em mãos que os guardam.*

PUNIR

*A punição sucede o ato
expressada em leis e regulamentos
fecham os olhos a infrações menores
protegem amigos e parentes*

*nunca pise na grama nem abra a porta
o barulho na vidraça é da chuva que cai
não é o mundo que chora a sua presa*

*a punição inibe o ato
ficamos em silêncio diante do pecado
olhamos sobre o ombro em busca do castigo
fechamos as portas da nossa integridade*

*nunca fume em ambientes fechados
antevisto na paixão da carne
enfumaça o ar
desmaia o calhorda.*

ESTRELA

*Estrela da manhã pálida
não sobrevive ao sol forte
desacreditamos em sua força
desmerecemos suas qualidades*

*esquálida permanece
sobre as nuvens estrela feita
não interrompe a faina
nem nos banha na alvorada*

*estrela de tanta distância
mantém nossas vidas
no equilíbrio constante
finito em sua magnitude
arrestado tempo de nossas vidas*

*estática vista na aurora
quando nos recolhemos exaustos
a noite cobra alto preço
estrelado astro recomposto.*

SEGREDOS

*Amarga infância
desonra a amizade
na inconfidência
segredos do mundo
em plena praça*

*altos brados
gestos
pantomima
risos
risadas*

*a infância some de imediato
o adulto aflora sofrido
velho entrevisto: vergonha
do segredo exposto*

*tantos anos em poucos minutos
atrás da história contada
que nem lembro agora.*

REVELAÇÕES

*O segredo revelado
na página sensacionalista
do jornal da noite amanhã será público*

*não há segredo para o que foi contado
degradada imagem televisiva
sumirá na efêmera glória
do escândalo secundário*

*nele a sombra levantada: nódoa
e mancha comercialmente explorada
por instantes depois os bares e a noite
afogarão a verdade submersa*

*no fundo do corpo sopra a vida
revelada: livre do segredo: degradada
retorna e entorna o vício e na passagem
refaz o caminho: na volta recupera a vida.*

ELAS

*Fossem perdidos eles
da corrente estaríamos juntos
em festas: as festas terminaram
antes do tempo das promessas:
fossem corpos encostados
roçando as faces entrelaçando
os braços as pernas ágeis
em corridas frágeis: desconhecer
gera medos e temores
crispam rostos em defesa:
fossem todos o único espírito
conversassem na mesma língua
estariam juntos desde o começo:
o começo de desconhecimentos
leva os corpos para longe
em raro afeto diante
das necessidades e ardores:
fossem a fragmentação
em cada parte a complementação
do outro: o outro posto diante
da interrogação na ausência
dos elos formando correntes.*

NADA

*Nada quero agora
só a força atravessando a porta
longa saída estreitando a vida
ir embora
e nada querer
daqui*

*a hora esvaída traz o nada
o aqui terminado na porta fechada
sem hora: aguardo a passagem*

*nada daqui quero agora
joio e trigo inseparáveis
olhos castanhos estranhos olhos
a porta aberta a passagem
indicando o ali afora*

*o vazio não conta as horas
preenchidas na vida aqui e agora
esvaída em outras histórias
onde o osso quebra e estala.*

PALAVRAS

*Somos as palavras não ditas
não escritas não alteadas no despenhadeiro
a montanha nos responderia a repetição
revelação escondida de que não somos
sons*

*somos em palavras as malditas ordens recebidas
no complexo do abraço pela saudação do corpo*

*voz impropagada muda palavra
dita desdita e desmentida
o oceano em ondas apaga o escrito
na praia intocável só o vento fala
na passagem*

*nas palavras malditos somos nos sons primeiros
raiva revolta do que foi dito: promessas
mentiras e mantras à náusea repetidas*

*nosso silêncio junto às montanhas subjugados
pela força da natureza: desprezada imagem
convulsivo choro onde os olhos falam sobre
nós.*

FIM

*No fim a repetição do instante inicial
mesmas luzes escuro a estrela guia
reis receosos do caminho as tentação
a natureza deslumbrando anjos
suspensos corpos em olímpos inacessíveis*

*depois deuses da imaginação e do medo
guerras e raivas ira demoníaca
destruindo e babelizando as línguas
interrompendo línguagens calando vozes*

*o fim se aproxima em nuvens
diformes ares suspensos de outras vidas
trazem a desilusão o amor a predição
primeiras palavras entendidas no tempo
última chuva inundando os lugares*

*silêncio nenhum som possível
depois da hora a última.*

PLANÍCIE

*Planície desaparecida
loteamentos e chácaras
o rio em seu curso de forma lenta
assoreado esquece o leito
canalizado não retorna ao leito*

*nas margens a seca acontece
o rio não contribui para as plantas e os animais
seu lado prende os últimos peixes
o barro recolhido gesta os últimos potes*

*a planície se transforma em savana
onde morrem loteamentos e chácaras
secos terrenos de esqueléticas árvores*

*à margem vão embora os ribeirinhos
levam consigo a lembrança e a saudade
deixam para trás os loteamentos e chácaras.*

MÁRTIR

*Que mãe é você
martirizada em cada filho?*

*Sua vida rompida na concepção
seus anseios reprimidos na gestação
seu futuro suspenso no nascimento
seus sonhos desfeitos na criação
seus suspiros ignorados na preocupação*

*poderia ser mãe por concepção
ter gerado a vida como iniciação
no nascimento do filho sua explosão
sua parte cumprida na criação*

*preocupação desmedida nos perigos
aumentados: irrealidade de pesadelos
não concretizados: o martírio
pela não condução do homem
em sua (im)própria vida.*

TRANSMISSÕES

*Sempre há quem nos transmita
Verdades dos negócios
Amores rancores
desempenho*

*os que fizeram melhor
inventaram as pólvoras
com que nos mantêm
em polvoroso medo
e suspense*

*sempre haverá apóstolos
dos diversos deuses
cada um trará em seu séquito
acólitos: suas parceiras
sérias mulheres uniformizadas
em verdades: mentirosas*

*em suas transmissões
não há conhecimento apenas
medos sinistros medos mais nada.*

FUTURO

*Ter o futuro idiossincrasia maior
arbitrio ao alcance ranço na proposta
do mundo imperfeito colocado ao lado
pedras irregulares o tom e o som da palavra
dita em espertezas tantas as artimanhas
e teias cerdas aprisionadas em outras formas
reformatar o passado na punição humana
contraditada em vésperas vazias:
o concreto o concretizado tempo
das falácias falésias materiais: acima
e abaixo prostitutas cedem ao gosto
retomam seus sexos aos instintos primários:
futuro renunciado nas diversas pronúncias
da única língua: o peso alivia a consciência
pelo não feito são defeituosas as predições
à frente são fechadas as imagens e os sons
surdos secam as gargantas dos que se arriscam
ousam o nada no futuro presente inconcluso
eco em vales e raposas estáticas ante as presas.*

UNIFICAR

*Ser você em
desenhados seres
no outro lado
e o mesmo instante
do encontro*

*a paciência norteia a busca
em que iguais se encontram
justapostos
o mesmo
único
indelével
corpo*

*onde se esconde o outro: outros
sentimentos - a corda aperta o laço
e as pontas se libertam - anseiam
um por tantos e tantos são um*

*apenas um sobrevive inteiro
no que resta dos fragmentos.*

TRAÇOS

*Tivesse seguido o caminho traçado
em palmas vaías reprimendas
ouvido os conselhos no que tem de pior
raiva reprimida por não chegar antes
descaso com que tratou o problema inicial*

*caminhos largos em muros altos
nenhuma paisagem para descansar os olhos
áridas pedras para os pés descalços*

*a vida programada antecipadamente
útil e utilitário: não o mistério dos dias
adeus antes do sonho adormecido
sucumbência das familiares obrigações*

*do alto da torre avista a terra
longe alcançada de todo tempo
paisagem passagem horizonte
o ar não amortece a queda: acelera.*

NOITES

*Noite como tantas outras
paradas horas
o romper da aurora
águas paradas
vistas da ponte*

*noites em barulhos conhecidos
solidões despercebidas em calados sinos*

*noite como todas as outras
vazia em significados e lembranças
escuro tempo desmemoriado
lampejo entre goles*

*noites sem barulhos conhecidos
passos vagarosos sem destino*

*noite em tantas outras noites
escuras horas que não antecipam
nem escondem vidas corpos
desintegrados em seus tempos.*

FORMOSURA

*Estou ciente da sua formosura
das implicações em lhe ver assim
das conseqüências do que vejo
do perigo que ela me destina*

*sou escravo da sua formosura
além das letras e músicas
aquém de quem me traz a vista
das montanhas onde o branco assusta*

*sou sincero sobre sua formosura
o ar gelado no corpo excelso
a umidade em cada osso
a sofreguidão com que me ajoelho*

*estou cego diante da sua formosura
no horror do escuro penso seu corpo
na escuridão sinto sua beleza
com mãos ávidas cerco sua vida.*

SILÊNCIO

*Não é o silêncio que me faz calado
nos instantes em que estivemos juntos
nas noites estreladas
em lagos lagoas piscinas*

*não foi o silêncio que me deixou calado
foram os instantes em que nos perdemos
mágicos trágicos escondidos*

*não seria o silêncio a me calar a voz
alvos dentes sobressaem no escuro
pontes semiarcos inteiras dentaduras*

*o silêncio repetido em gestos
aviões sobrevoam a terra
onde estivemos guardados
em quartos escuros
salas copas varandas.*

PALAVRAS

*Disse não se preocupe nossos deuses virão
e chegarão para completarem a tarefa
será interessante voltar os olhos ao extremo
pela estrela menor mesmo não sendo estrela
jogar os sonhos ao futuro e aumentar o passo*

*não deve sentir o cansaço pelo atraso
culpado pelos erros cometidos*

*falei o que havia visto nos dois lados
na impressão do caminho espremido em matas
desertos e águas e dos bichos diferentes
no calor das noites e no frio dos dias
os espíritos não me procuraram nas horas*

*não se considere bandido pelos erros do futuro
absolvidos pelos crimes cometidos no passado*

*errei as palavras ditas no inverno
no verão inconsequente de claros dias
pela morte anunciada nas frases escritas.*

OLHARES

*Busca nos olhos
e a música que escuta
melodiosamente
é o fascínio
hipnotizado olhar
retraído em pensamentos
e a música repete o tema
onde se instala*

*na busca a angústia
se desencontra e entre fios
tecidos em largas teias
o compenetrado olhar
em que a seriedade se traduz
em lágrimas furtivas*

*o hiperbólico discurso dispensa
músicas e dizeres: o olhar permanece.*

PAPÉIS

*Papéis distribuídos
no acordo
onde escondemos
o outro
desconsiderado*

*o exercício da hora
frente aos espelhos
desesperados*

*avança na continuidade da trama
o drama desestruturado
renova as máscaras*

*a espera se completa
junto à porta*

*entrada e saída
início e fim
na face desmanchada.*

CRIANÇA

*Na criança permanecemos adultos
em buscas incessantes das vozes
dadas por verdadeiras
nas primitivas pinturas*

*vozes que nos falam do tempo
indelével utilizado para o aprendizado
no tanto permitido pelo medo*

*ainda hoje no calor da discussão
acadêmica nos pronunciamos
aleatoriamente em temas desnecessários*

*como crianças se divertindo em brincadeiras
nos dizemos brabos e argutos pesquisadores
das cores doentias onde esquecemos os solos
estampados em que quebramos as lanças*

*da criança trazemos a infelicidade
das histórias contadas como verdade.*

INFORMAÇÕES

*Saber quanto fomos felizes
enquanto não sabíamos que ficaríamos juntos*

*o desconhecimento não nos informa
sobre os perigos advindos dos sentimentos
e nos mantém livres do egoísmo
falseado nas sentenças de palavras
receosas das verdadeiras intenções*

*as intenções afloradas
perdem suas pétalas
no primeiro contato*

*a informação invade os sentimentos
e os transfigura em elipses
de metáforas parabólicas*

*as intenções se escondem
em cores desavergonhadas
e a desinformação passa
a ser buscada
como única verdade.*

CORES

*Somos as cores determinadas
na insolação diária
das alturas e distâncias
ângulos e travessas*

*dizemo-nos diferentes
enunciações
e somos os mesmos
em diferentes aparências*

*desconhecemo-nos no que aparentamos
e temos medo
de não nos reconhecer*

*obrigamo-nos a carregar ódios
e ignorâncias*

*na miscigenação aproximamo-nos
do ponto comum: todas as cores
em único matiz: a sorte
não participa das preocupações.*

DEPOIS

*Depois
o poder
cessa
seu poderio*

*resta você
perdida
no começo*

*recomeça e tem sobre si
o fato de ter sido o poder*

*depois que o poder
cessa
recomeçam
as cenas
comuns*

*o ônibus atrasa sua passagem
e o troco nunca é exato.*

LUZ SOLAR

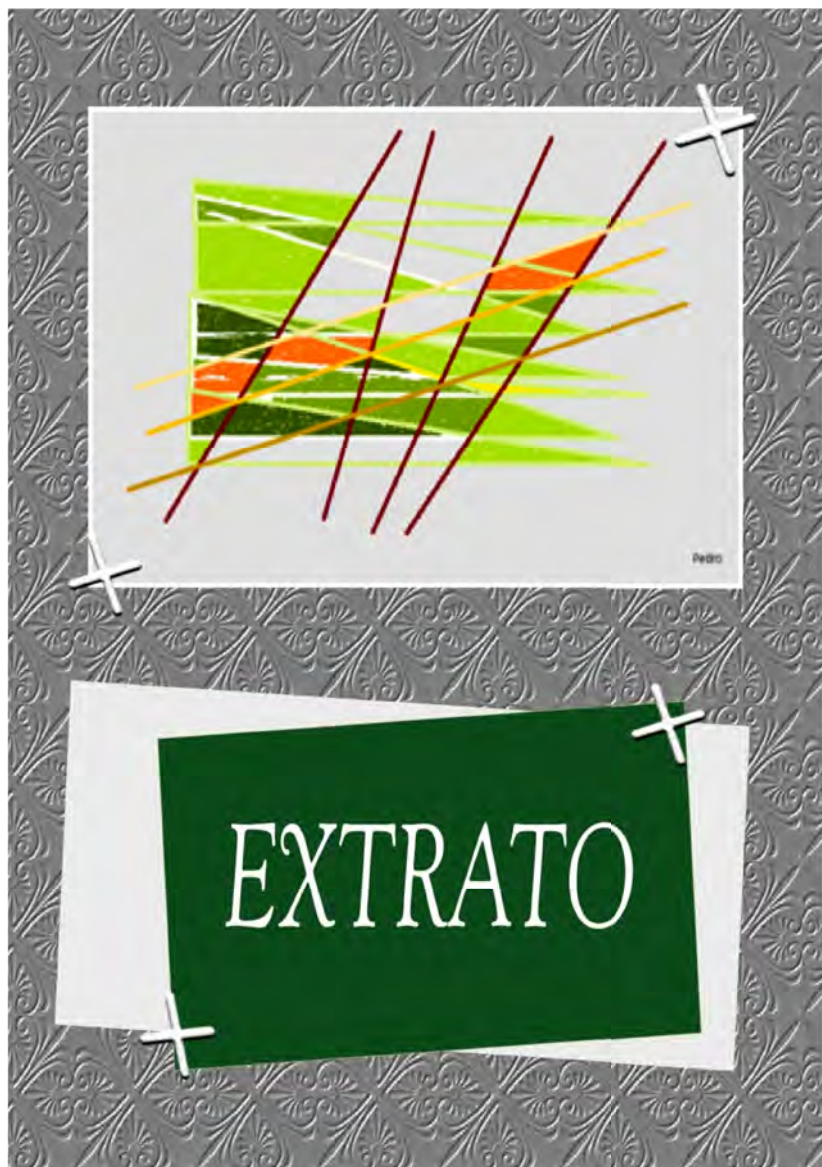
*Desta luz solar
o calor emana em nós*

*gostamos do bronzeado corpo
da água gelada
dos dias longos
do calor gostoso*

*desta luz solar
defendido planeta
em nuvens
e chuvas*

*caudalosas águas diminuem temperaturas
amainam paixões
refrigeram corpos nus*

*desta luz solar
o eterno amanhecer
em sequenciados dias
de sempre mais.*



1

Sou a consciência de algo abstraído
ao que chamo tempo: versões
desencontradas na inverdade.

Fácil encontrar o caminho
destrançado em etapas.

O retrato expõe a contenção
do sorriso. Riso inexistente.

Condensso a curiosidade no ângulo
transverso e a evasão privatiza
o que em pública forma desconheço.

2

O discurso

se transfigura em jogo de cena
na imensidão adjetivada
do infortúnio e no que é dito
em voz baixa. A forma oficial
conecta o dito pelo não dito.

A influência envelhece
critérios e palavras
não dizem do absoluto.

A relativa calma na espera
e a esperteza vivenciada em olhos
pelas passagens anteriores.

3

Determinado no fruto
na flor
na folha.

Enraizado em antepassados
ainda sou o mesmo.

Não creio na fase
na face
e no desatino.

No espaço vago a inconstância
de me dizer oposto seguimento.

Sei quem sou no instante.

4

Perguntam sobre o nome
respondo com a assinatura
e a rubrica.

Há em lugar indeterminado
a minha ficha processada
em tópicos datados ao elemento
ignorado dos seguimentos.

Meu nome resguarda a ideia
materializada em homenagem
ao dia de outro nascimento.

A alcunha decorre do sentimento
enclausurado em palavras: chave
para a descoberta do esconderijo.

5

O marco

a marca

a mancha. O lenhador conduz

o machado à base

de sustentação da árvore.

Na área demarcada

em conhecimento está o barulho

e o eco.

Demarco minha integridade

e ofereço o som da voz

ao desconhecimento: horas

me visitam na não interrupção

do enfrentamento.

6

Alguém não denominado
consegue a minha liberação:

número sufragado
à sorte. Converso

sobre possibilidades
e respostas me isolam
aos fatos.

Conto cada interstício.
Durante a vigília
sei sair e ir embora.

Não é o agora
que me permite dormir.

7

Ótimo (diz a voz). A acentuação
a impostação
o impostor.

O ator representa o ensinamento
na transformação entre o hoje
e o sempre que retorna
em vozes conscientes. Dias
passados na demonstração
da imagem irrefletida.

8

Retorno. O passo adiante
é parte do retrocesso. O olho busca
a luz que incandesce o ambiente
de onde saio adulto.

Estorno o procedimento e me libero
em ilações e sonhos. Na ilusão
reponho o gesto. A ingratidão recolhe
o som com que me despeço
no pouco espaço
transcorrido. Volto
o pensamento ao início
e não me recordo.

9

Empecilho: reação retardada
no prosseguimento. O universo
reconhece a tradução do paralelo.

Quero ir embora em escolhas.
A escolta me mantém na ordem
concebida pela verdade.

O cárcere reduz a ilação
de que o jogo permanece
até a última escolha.

10

Refaço as malas. Repito:

coloco roupas e sapatos.

retiro sapatos e roupas.

Passo a embalagem pelo crivo
eletrodinâmico da coragem.

Sei da imprudência
e tenho juízo: duas caixas
repletas de faz de conta
e a fotografia da mulher
isolada em viagens.

11

O oposto rescende aromas
em ares recondicionados
de quartos desabitados
agora

relembro a voz aguçada
no espaço aberto ao encontro

antes

chegasse dentro para fora
na igualdade desaprovada
em beijos e abraços.

12

O futuro amplia a consecução
da promessa. Obriga o carro
a trajetos intermediários.

Algo trocado em minutos
alongados ao espaço.

Compilo palavras transbordadas
em letras: línguas desafiadas
ao reencontro: o futuro oferta
a probabilidade de sons
reencontrados em harmonia.

13

Vidas novas

despovoam pequenas
cidades: estreitam ruas
e se deixam à margem
de rodovias circulares.

Antigos permitem
o esvaziar das ruas
e o fechar das portas.

Terraços no relento
pegajoso de histórias
esquecidas.

vidas renovam distâncias
e na lonjura reaparecem
casos não acontecidos.

14

Minha parte: a partida
e o pedaço
descascado do pão.

A fruta comida no alvoroço
da estrada. Casca deixada
como enfeite.

Aparto o desconhecimento.
Tenho a matéria brutalizada
na reapresentação de estranhos.

Minhas mãos compartilham
malas descarregadas.

15

Retido na pergunta
originária: de onde venho.

Respostas sucessivas
demonstram o desembaraço
com que me inscrevo
entre quem vivencia
a terra repartida.

Oriundo do solo regado
em águas passadas sou sustento
das árvores arrancadas.

Diante da resposta a ofensa
se demonstra frágil: retorno
assoberbado em perguntas.

16

O verão prenunciado quente
revigora o corpo em indolência.

Prefiro a brisa
e ondas no espaço
em guarda-sóis.

O verão pronunciado em cores
enternece a vista em anoiteceres

Outonais distâncias me separam
entre morros e mares pertencidos.

17

O corpo permanece
acordado. Açodado
o espírito transparece
sonos inconclusos.

A solidão descarta obrigações.
Explicações falecem silêncios.

A permanência da atividade
física recompõe a mente
em exercícios: sobrevivo
no instante percebido.

18

Gestos de acolhida.

Recebo o abraço

e o beijo. O aperto das mãos.

O rito

o ricto

o ritual.

Ínfimas demonstrações revolvem

o pó depositado ao tempo.

19

A chuva remete à insignificância
de sermos apenas humanos: água
em busca do leito

atravancado em obras
de comodidade.

As melhores terras elevadas
em torres concretizadas
na insignificância de sermos
a modificação e o erro.

20

Espaço percebido como rota.

Fuga. Reencontro.

Minha carcaça materializa
algo que não me pertence.

Na infinitude da matéria
reside em conglomerado
alheio
e avesso
a solicitude: espaço
percorrido em fuga. Rota.

21

O desconhecido é multiplicação
no esforço despercebido. Origem
e destino.

O entreato permite ao espectador
sair por momentos: conversar
e rir. Beber e fumar.

A cena reaberta desconhece
no espectador a vontade
da realidade: luzes

apagadas na plateia cessam
o recurso do reconhecimento.

22

Minha voz condensa o silêncio
na consciência da permanência.

Dois pesos
duas medidas.

Minha voz recompensa o silêncio
por não revelar o sistema.

Dispensio
a medida.

Minha voz silencia
a vida: recomeço
em outro corpo
de forma indefinida.

23

O homem precavido ama
a mulher imprevidente. O movimento
da água é matéria escurecida
no desdouro. Ouro e pérola.

No cofre repousa
a tentação.

Olho o casal de mãos dadas.
Absorvidos em cada um por si.

Posso me reconhecer na negação
da promessa: depressa digo
do esquecimento.

24

Na amurada deposito o peso
do corpo inexistente. Sou
o paradoxo do esforço
despendido em risos.

Nada de novo recomeça
além do desentendimento.

Restam músicas antigas
em reconhecimentos.

Apuro o corpo e o espio
desfiar no espaço.

Nada de novo recompensa
o trecho não percorrido
enquanto agora.

2ª. Parte

25

O retrato deposita o gesto
até desbotar tintas
amareladas em esqueceres.

o cão transita o tanto.

O olhar no cão em refúgio
e incerteza: a fotografia do cão
o imobiliza.

26

A fuga retém a vontade
de ir embora: corpo
permanente e rígido. A cadeira ocupada
e a mesa disposta
no sacrilégio da fome.

Conformidade permitida em adeuses
esvaziados de significados.

Refugio a observação
linear do acontecido
e na abstração me perco.

27

Menos do que máquina desligada
o relógio apara horas inocentes.

A figura repetida em lembrança: você
me procura em descrenças. Respondo
sua ansiedade ao atraso. A máquina
religada oferece o líquido

o sólido: consolidação
da estrela na ilusória veracidade
do oráculo.

28

Tanto termino

mais recomeço a roda
no caminho decadente

sigo o acidente
em minúcias.

Tenho a impressão

do abismo: o término

em recomeço.

29

No último aparte após o silêncio
o orador recorda a inexistência.

(O grito responde
com agressão
e questionamento).

No último acordar
a luz receia
o que mostra na demonstração
do caso encerrado.

30

Em qualquer coisa

o maneirismo absorve
o verdadeiro: a composição
do quadro no distanciamento
e a filigrana dispensa comentários.

Qualquer maneira

na coisificação do estado
inicial de vida
e morte.

31

O trajeto refeito em descumprimento
leva na lembrança a mínima
possibilidade: desconhece
o passado.

A imagem personifica
algo reconhecido. A pessoa
imagina a terra unificada
em espaços decorridos.

O trajeto conduz a lembrança
ao sentimento da coisa feita
antes do tempo.

32

Amores ardores dores
a representação gráfica dos sentimentos
iludem páginas colorizadas em traços
de indeléveis teias seduzidas ao inseto.

Colorem andores
no andar cadenciado
de quem se afeta.

3ª. Parte

33

Feito alegre

saltimbanco: ocupo o centro

atencioso na ramificação

e me desfaço em personagens.

Ecoo risadas

risos

o sorriso cúmplice:

iluminado em seres

transformados sou herói

desligado no término

do espetáculo.

34

A visão determina
o percebido. A retina
fotografa a cena

de nós
quantificados
em espectro
resultado

restam lembranças
imprecisas.

35

Nunca afeito à desvelação
minto histórias
sobre homens
e mulheres

melhor ofertar
a mão em recolhimento.

Não é demais contar
a extensão do dano
quando da ilustração
na catástrofe.

36

Digo da hecatombe
a glória por continuar
vivo. Da catástrofe
a possibilidade
da reconstrução.

Da habilidade em reimaginar
os fatos a consequência
habitual do estranhamento.

Da terminação dos nervos
retenho o sentir
e o gosto.

37

(Amo a mulher ao lado

*No esplendor da idade reajustada
em relógios de eternidades
sou último e multiplicado.*

*Na transcendência dos corpos
envoltos em vapores desativados
do destino: coerente
em sonhos futuros).*

38

Respeito a possibilidade dos dizeres

dos estares

dos amores

dos deixares

mimetizado em ambientes

descubro-me na ambição

dos reconheceres.

Intervalo

39

Na soma dos atos
pela consequência
do espaço dividido

trago nos olhos
a imensidão artificial
da paisagem

nas mãos o interesse da terra
embarrada no renascimento.

Condiciono a espera
a tua chegada.

40

Nem sempre disposto

em lados: sou centro

 e periferia

tua voz sobreposta

aos meus medos

 tua carne

 envolve e distribui

 a razão

 e a emoção.

No lado contemplado

em sentimentos reafirmo

 e ressurjo.

4ª. Parte

41

O sorriso farto

remete ao corpo

ágil os traços

da família. O corpo

ainda jovem.

O pensamento reduz

o mundo no momento

aparente.

42

Em cada peça a lembrança

em objetos: quadros

telas

estatuetas.

Nas estantes lombadas

refletem a qualidade

com que a leitura

se faz presente.

43

A gaveta repleta em vidas
passadas. A janela.

Volto ao leito
deixo margens
umedecidas
e rejeitos. Minha correnteza
arrasta no fundo o projeto
da expansão carinhosa
do corpo ereto. Refaço
águas passadas. Meu leito
contém a profundidade assoreada
dos regressos: a terra decompõe
a vida em camadas.

44

A maneira como olhado
esgravatado
e esquecido no tempo

duramente exercido
diariamente.

A maneira transpõe a ilusão
do ato adormecido antes do parto:

o reinício na primeira
voz.

45

Aposta condicionada no desespero
de me ver isolado
e rouco. Minha voz
 inalcançável no tom
 da lembrança.

Relembro a oportunidade estreitada
na porta
da saída: aposto trancar
 o corpo ao cansaço.

46

Canso. repito palavras
e na brincadeira da criança
retiro a substância do alimento:

retorno.

O cansaço permanente inibe
o corpo na viagem libertadora
das novidades. Tenho estado
e no momento desprezado
não contendo a essência
do avançar na resolução
do feito. Cansado do entorno
confesso a totalidade
da mentira: descanso.

47

Aproximo-me de ti
e tenho tuas mãos nas minhas.

Descubro em tua frieza
a nesga sobreposta à rusga.

Entrevejo o néctar descontinuado
da felicidade: a incerteza
relativa a palavra.

Tenho na proximidade
a vontade de ser
presente.

48

Na condensação

repito o erro

posterior: minto

a ilusão do sonho

materializado

sorrio a consumação do perfume

na conclusão da hora: tenho

a intempérie.

49

A marca deixada pelo primeiro
povo em caminhada – a rocha
percorrida com a mão.

No toque de reconhecimento
 acrescento ao póstero
 a possibilidade
 do regresso.

50

O palito de fósforo

queimado circula

dentes: acre sabor

do que foi efetivado

pela chama

extinta.

51

O meio do caminho
inicia o restante: conto
e nomeio
o tempo. A textualidade
do absurdo na concatenação
do nada. A genética interposta
em salvaguardas. O remédio
esquecido na mesa.

52

Na contemplação da diversidade

diversifico a visão

em que me ignoro: ao bem

ao mal

represento personagens

em atributos. Invisível

adiante do perigo e me digo

salvo:

a ressalva permanece na obscuridade
do registro. O âmago dos soldados
chegados da batalha. O extrato
conduz o intrínseco palavreado.

ALGUMAS OBRAS DO AUTOR

Poesia

Os Objetos e as Coisas

A Casa das Gaiolas

Seres

A Obra Nua

A Palavra do Nome

A Criação Estética

Marina em Poemas

Brevidades

Via Rápida

Iguais

Palavras Desenhadas

O Descrédito e o Vazio

Tânia

O Livro Infindável e outros poemas

Poemas

Construção do Gesto

Coleção de Palavras

Imagem & Reflexo

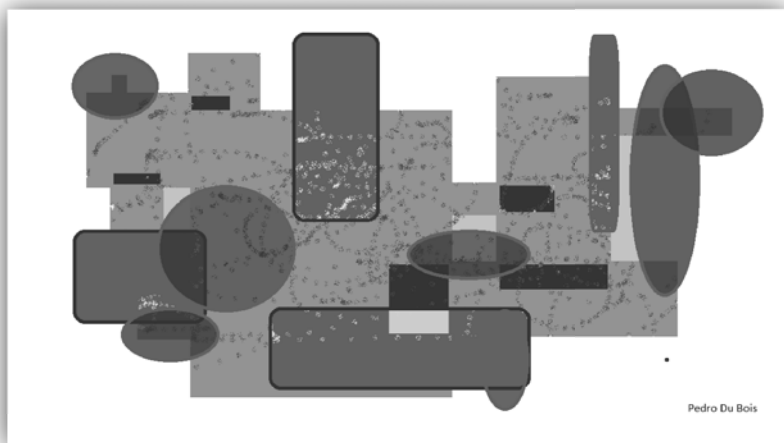
De Mãos Dadas

Tristeza e Mínimo e a Menor Parte

Imagens Abstrações Desinteresses

Contos

Em Contos



Catálogo do Projeto Passo Fundo

www.projetopassofundo.com.br



#

Pedro Du Bois,
poeta e contista. Passo Fundo,
RS, 1947. Residente em Balneário
Camboriú, SC. Colaborador do
Projeto Passo Fundo.

<http://pedrodubois.blogspot.com>

A casa recorrente historia
músicas em arranhados acetatos.

Não são imersas
lembranças: condoído
corpo. Tangos
e boleros. Algumas
peças classificadas no esplendor
do antigo dono. Agulhas rascantes
sobre duradouras superfícies.

Ser no nascimento
a contenção do som
entre paredes.

 **EDIÇÃO POR
DEMANDA**
produtora de livros
www.edicaopor demanda.com.br

 Projeto
Passo Fundo
Ajuda à cultura

ISBN: 978-65-00-12281-7

